

POR UMA ESCUTA CLÍNICA ANTIRRACISTA



Andréia Alves Teixeira
andreia07@gmail.com

Mulher preta, mãe, psicóloga e educadora

POR UMA ESCUTA CLÍNICA ANTIRACISTA
PER AN ANTI-RACIST CLINICAL LISTENING
PARA UMA ESCUCHA CLÍNICA ANTIRACISTA

Ao ser convidada pelo amigo e companheiro de ousadia em oportunizar espaço de voz para pessoas dentro e fora da academia, através de um periódico online, totalmente sem fins lucrativos, começando tudo do zero e sem experiência nenhuma, logo aceitei. Esse convite me encheu de orgulho, pela confiança em mim depositada, claro, mas também e, principalmente, por ter essa pessoa como amiga, companheira de sonhos e fazeres, que tem a clareza de que a luta contra o racismo estrutural é de todos, negros e não negros. Por meio deste convite, soube que existem colegas de profissão na Fundação Casa¹, preocupados e comprometidos em olhar para um assunto tão urgente e necessário, preocupados em ir à contramão dos ditames institucionais e em quebrar a lógica institucionalizante. Isso tudo me encheu de esperança e, de pronto, disse sim². Estava num momento de muita empolgação, carregando em mim, na minha pele preta, a certeza de ter que ocupar todos os espaços. Alguns dias antes tinha ido à uma emissora de TV falar sobre racismo.

A coordenadora da equipe entrou em contato e conversamos sobre o encontro. Já nesta conversa fui me sentindo muito à vontade para ir falando o quanto estava contente com a iniciativa e abertura para olhar de maneira diferente a prática, num lugar como a Fundação Casa. Disse o quanto estava feliz em saber dessa preocupação e o quanto estava agradecida pelo convite.

Aos poucos a euforia foi diminuindo e a ficha foi caindo. Que baita responsabilidade! Que medo! É que quando se tem a pele preta, seus feitos e desfeitos/defeitos não são apenas seus. Você representa todos como você, todos os pretos.

O conceito de raça foi criado como maneira de segregar, oprimir, desumanizar, massificar o grupo dominado, racializado. Branco também é racializado, mas pertence a raça dominante. Falar de raça precisa antes falar de como o homem foi construído pela filosofia moderna. O projeto iluminista tem o homem como seu principal objeto. Traz a observação do homem em suas múltiplas facetas e diferenças: biológica (é um ser vivo), econômica (trabalha), psicológica (pensa) e linguística (fala). As ideias iluministas tornaram possível a comparação e a classificação com base nas características físicas e culturais. Surge então distinção entre civilizado e selvagem e posteriormente civilizado e primitivo. Nas palavras de Érico Andrade (2016), homem preto, Prof. Dr. em filosofia na Universidade Federal de Pernambuco, “os iluministas fizeram do que não é o espelho da Europa a imagem do atraso, do desumano, que precisaria, na melhor das hipóteses, ser conduzido (adestrado) para se adequar ao modelo europeu”. Quanto mais afastado desse espelho mais primitivo e necessitado de guia. Quanto mais afastado desse espelho mais necessitado de que lhe digam quem é e como deve ser.

O racismo foi sendo construído de maneira potente, com tecnologia de ponta. De maneira a minar na raiz as possibilidades de mudanças. A maneira mais eficaz foi a total alienação do negro. Para Fanon (2008), homem preto, Psiquiatra nascido na Martinica, alienação é a impossibilidade da pessoa se constituir enquanto agente da sua história. Nesse processo de desumanização tudo foi tirado. Três séculos de escravidão legalizada e tantos outros que se seguiram e se seguem até os dias atuais colocando a pessoa preta à margem e relegada a própria sorte.

Volto a pensar na responsabilidade e no peso de estar aqui. Pensei e repensei por qual caminho construir essa conversa, que se pretende ajudar na construção de uma escuta clínica antirracista. Como traz Ângela Davis (2016), mulher preta, filósofa e ativista, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista. Decidi então por trazer, majoritariamente, vozes pretas.

Penso que para ser possível uma escuta verdadeiramente preocupada em não reproduzir o racismo, se faz necessário conhecer e estar atento ao racismo que estrutura a sociedade e que só é possível continuar existindo porque tem, como instrumento de disseminação, as instituições, sejam elas físicas ou não físicas.

Ser negro é algo produzido socialmente. Ser negro é politicamente produzido. Assim como ser branco também o é. Mas o branco é o universal, enquanto que o negro é o desvio. Para a pessoa branca não se coloca a necessidade de pensar o seu ser branco. Para a pessoa negra isso se impõe. Neusa Santos Souza, mulher preta, baiana, psicanalista lacaniana, bem sucedida profissionalmente, mas não reconhecida e apagada, como tantas e tantos outros, traz em seu livro “Tornar-se Negro” (1983) referências sobre as dificuldades emocionais dos negros. Ela fala sobre rechaçarem a própria imagem devido à indução racista. Ser negro está associado a tudo que é ruim e negativo.

Porém, para rechaçar essa imagem rechaçável, ela precisa nascer. Nós negros temos duas datas de nascimento, aquela quando chegamos ao mundo e aquela quando o mundo chega a nós. E essa segunda data chega como uma paulada, para te colocar no seu devido lugar. Na maioria dos relatos que ouvi, li ou assisti, esse segundo nascimento se deu na escola. Primeiro lugar de socialização da criança, fora da família, é lá que o choque costuma acontecer.

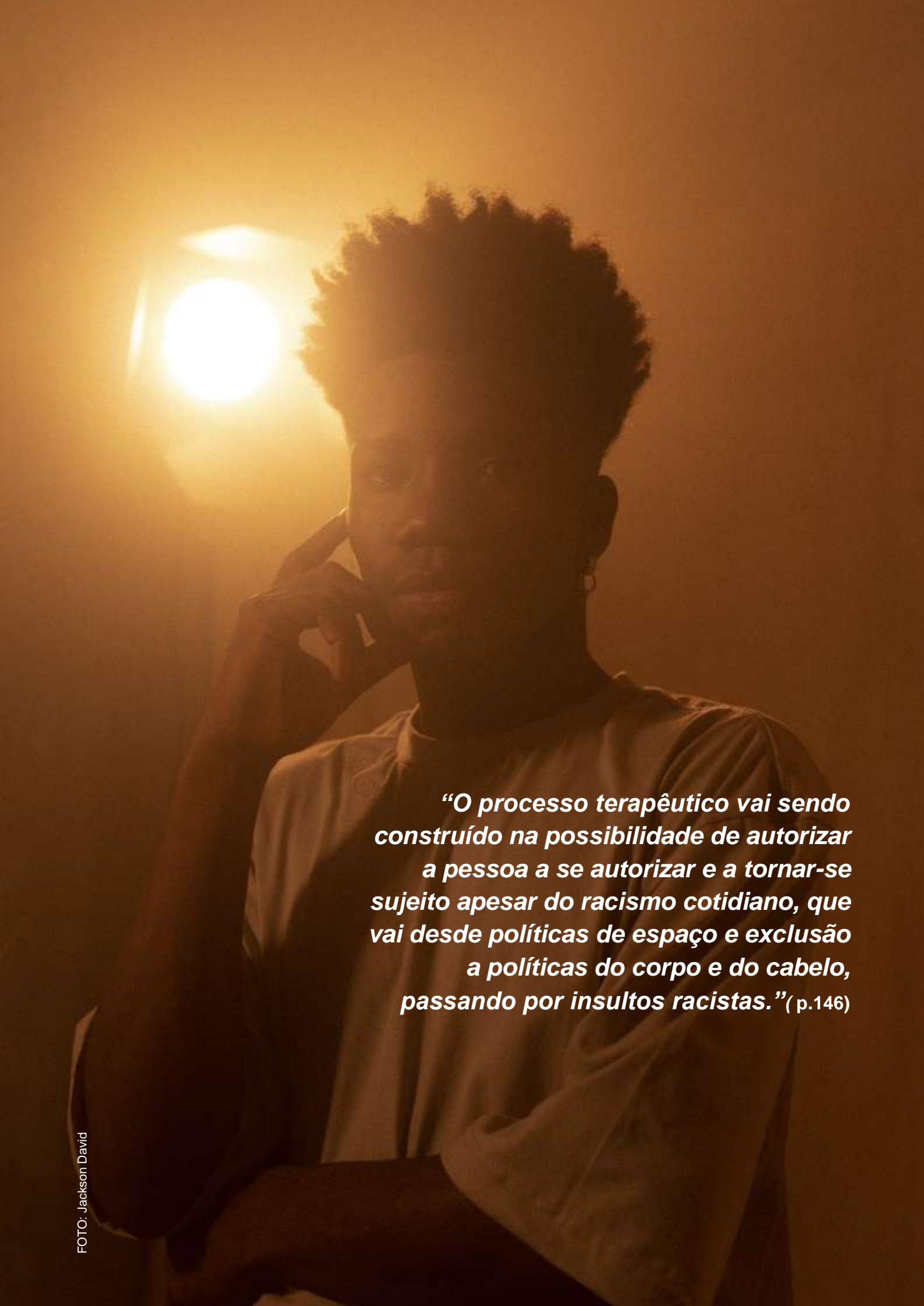
Lembro deste meu nascimento como se fosse ontem. Nascida na Bahia, estado com a maior população negra do Brasil, mesmo já frequentando a escola ainda não me sabia negra. Filha de mãe preta e pai branco, nasci com a pele clara, com traços semelhantes aos do meu pai, branco, e cabelo que nem era tão ruim assim (ouvi isso inúmeras vezes). Que sorte a minha, a quase branca da família. Amarela, cor de burro quando foge, eram apelidos carinhosos. Eu era aquela que não era preta. Cresci nesse lugar, onde eu era bem tratada e aceita, por vezes bajulada, até os 8 anos de idade, quando então vim com minha família para São Paulo. Na escola, senti logo de cara o peso de ser nordestina e pouco depois, o peso do meu segundo nascimento. A professora resolveu perguntar para turma o que queriam ser quando crescessem. A resposta seria dada em voz alta, uma a uma. Caí na besteira de falar que queria ser modelo. Gargalhada geral. Levei um susto. Fiquei paralisada, sem reação. Senti muita vergonha e naquele dia descobri que eu não poderia sonhar com o que quisesse sonhar. Meu sonho só poderia ser dito em voz alta se estivesse dentro do que foi reservado para mim, pessoa preta. Eu não poderia participar deste outro lugar, pois não faço parte do pacto.

Maria Aparecida da Silva Bento (2002), mulher preta, psicóloga e ativista brasileira, diretora do [Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades](#) (CEERT), que atua na redução das desigualdades raciais e de gênero no ambiente de trabalho, cunhou o termo “pacto narcísico da branquitude” para desvelar o compromisso da branquitude em manter a estrutura racial que privilegia os brancos. Cida Bento, como é conhecida, revela um pacto de proteção e premiação, onde só cabe premiar, contratar e aplaudir os seus. No Brasil, esse pacto é muito forte, difícil de ser destruído. Ele elege ações, falas e existências em seu discurso autorizado de saber.

Pensando no mito, lembramos que Narciso consegue olhar apenas para seu reflexo e tudo diferente a ele sequer é notado. O som pelo qual se apaixonou é o som de Eco, ninfa condenada apaixonada por ele, que apenas consegue repetir suas últimas palavras. O mito apresenta a dificuldade de Narciso em escutar algum discurso que não seja de Eco. Inclusive, alguns discursos são entendidos como ameaçadores à sua existência.

Lia Vainer (2012), mulher branca, Psicóloga Social e ativista antirracista, em sua pesquisa de doutorado perguntou a pessoas brancas o que era ser branca e como elas se perceberam brancas. As respostas estavam ligadas a superioridade. As pessoas iam respondendo que a beleza era branca, que o trabalho era branco, que fazer o bem era branco. Tinham falas que naturalizavam o negro em determinados lugares e que se solidarizavam com o branco, confirmando o pacto narcísico e o lugar de poder, lugar de fala.

Djamila Ribeiro, mulher preta, filósofa e ativista, popularizou, no Brasil, o termo lugar de fala. Segundo Djamila, embora não negue o aspecto individual, o lugar de fala confere uma ênfase ao lugar social ocupado pelos sujeitos numa matriz de dominação e opressão, dentro das relações de poder, ou seja, às condições sociais que autorizam ou negam o acesso de determinados grupos a lugares de cidadania. Trata-se, portanto, do reconhecimento do caráter coletivo que rege as oportunidades e constrangimentos que atravessam os sujeitos pertencentes a determinado grupo social e que sobrepõe o aspecto individualizado das experiências.

A person with curly hair is shown in profile, looking towards the camera. They are in a dimly lit room with a bright, circular light source behind them, creating a strong silhouette effect. The person's hand is near their face, and they appear to be in a thoughtful or contemplative state. The overall mood is somber and reflective.

***“O processo terapêutico vai sendo
construído na possibilidade de autorizar
a pessoa a se autorizar e a tornar-se
sujeito apesar do racismo cotidiano, que
vai desde políticas de espaço e exclusão
a políticas do corpo e do cabelo,
passando por insultos racistas.”(p.146)***

Nas palavras de Djamila,

as experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizado, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. Isso, de forma alguma, significa que esses grupos não criam ferramentas para enfrentar esses silêncios institucionais, ao contrário, existem várias formas de organização políticas, culturais e intelectuais. A questão é que essas condições sociais dificultam a visibilidade e a legitimidade dessas produções. (2017, p.36)

Trago aqui uma produção que permite o lugar de fala desses grupos cujo lugar é negado, cerceado ou pré-definido: o vídeo AmarElo do cantor e compositor preto, Leandro Roque de Oliveira, o Emicida (fica também a indicação do documentário de mesmo nome, na Netflix):

<https://www.lettras.mus.br/emicida/amarelo-feat-majur-e-pablo-vittar/>

Resolvi trazer os autores apontando seus lugares políticos (raça) como provocações para pensar o sofrimento psíquico da pessoa preta, que está intimamente ligado às questões étnico-raciais e sócio-políticas que estruturam o país. Cada vez mais tenho sido procurada, em meu consultório, por pessoas pretas. Dizem estar buscando profissional preto por entenderem que a escuta será diferente. A maioria já havia feito terapia com profissionais brancos e não se sentia escutada em suas dores.

Para essas pessoas o processo de análise tem contribuído para que possam autorizar-se a sentir dor (física e psíquica), terem fragilidade, poderem errar, sentirem raiva, deixarem o cabelo natural, comemorarem seus feitos, enxergarem-se suficientemente boas, usufruírem de suas conquistas, dentre outras autorizações. Relatam experienciarem sensação de não lugar. De não terem com quem se identificar. As pessoas pretas que atendo, são pessoas que conseguiram ascender socialmente. Essa mobilidade social possibilita estarem em lugares sociais e econômicos que seus familiares e a maioria de seu ciclo de amizade não estão e nem estiveram. Estar nesses lugares as colocam mais de perto ao desafio de lidar com a sensação de não lugar. Com o êxito vem também o sentimento de solidão. Não se veem identificadas nos espaços que atualmente ocupam, mas também já não se sentem à vontade no lugar de onde vieram.

O processo terapêutico vai sendo construído na possibilidade de autorizar a pessoa a se autorizar e a tornar-se sujeito apesar do racismo cotidiano, que vai desde políticas de espaço e exclusão a políticas do corpo e do cabelo, passando por insultos racistas. Grada Kilomba (2019), mulher preta, psicóloga e psicanalista, examina a atemporalidade do racismo cotidiano em seu livro “Memórias da plantação”, fruto de sua pesquisa de doutorado. Kilomba apresenta histórias de racismo cotidiano à luz da psicanálise, examina sua atemporalidade (desde tempos coloniais) e o descreve como uma realidade traumática, que tem sido negligenciada.

Compreendo, a partir de minha vivência e experiência profissional, que para possibilitar uma escuta clínica antirracista se faz necessário tirar o racismo do campo moral e perguntar-se “onde está o racismo em mim?”, “de que maneira ele atua?”. Sim, se nasceu num país estruturado sobre alicerces racistas há muito de racista em você, colega branco, e muitas sequelas deste racismo em você, irmão preto. E, junto a esses questionamentos, se faz imperativo ler autores pretos (não somente, mas principalmente). Ouvir o que essas pessoas têm a dizer a partir de suas pesquisas e dores (sim, não há como separar).

E sigamos nesta luta, de protagonismo preto sim, mas de todos, pretos e não pretos!

NOTA

1 – Instituição pública do estado de São Paulo que se destina a aplicar Medidas Socioeducativas de privação e restrição de liberdade a adolescentes em conflito com a lei.

2 – Tratou-se de um momento no qual psicólogos do Programa de psicoterapia da instituição refletiram sobre as possibilidades de uma atuação clínica antirracista.

REFERÊNCIAS

- Almeida, S.(2020) **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaira.
- Andrade, E. (2016) A opacidade do iluminismo: o racismo na filosofia moderna. **Kriterion: Revista de Filosofia**. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2017000200291
Acesso em 27/09/2020.
- Bento, M.A.S. (2002) **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas relações empresariais e no poder público**. Tese doutorado, psicologia da aprendizagem, do desenvolvimento e da personalidade. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Davis, A. (2016) **Mulheres, raça e classe**. 1.ed. São Paulo: Boitempo.
- Fanon, F. (2008) **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA.
- Kilomba, G. (2019) **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. 1.ed. Rio de Janeiro: Coboqó.
- Ribeiro, D. (2017) **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento.
- Souza, N. S. (1983) **Tornar-se negro**. 1.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Vainer, L. (2012) **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**. Tese doutorado, psicologia social. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Indicação
- Hooks, B. (2013) **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes.

COMO CITAR ESTE TEXTO

Teixeira, A. T. (2021). Por uma escuta clínica antirracista. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 07, n. 02, 137-148.

RECEBIDO EM: 10/06/2021
APROVADO EM: 13/10/2021